

Trajetos: A cidade das águas e suas paisagens mais que humanas

Pontos de interesse: Av. Beira Rio, Centro Histórico de Porto Alegre, Usina do Gasômetro, Praça da Alfandega, Mercado Público, Rodoviária, Av. Voluntários da Pátria, Humaitá, Sarandi Aeroporto Salgado Filho.

Início: Centro Histórico de Porto Alegre direção orla sul (Menino Deus, Cidade Baixa), orla norte (Navegantes, São Geraldo), Início: Centro Histórico, em direção a Usina do Gasômetro e as ruas principais que dão acesso a Avenida Praia de Belas, indo em direção aos bairros Menino Deus e Cidade Baixa, incluindo o Estádio Beiro do Sport Clube Internacional.

Fim: Centro Histórico, suas praças e as ruas principais que dão acesso ao Mercado público, indo em direção a região do 4º Distrito, passando pela Rua Voluntários da Pátria, bairros São Gerando, Navegantes, Humaitá e Sarandi, junto a Arena do Grêmio Futebol Clube e ao aeroporto Salgado Filho.

Contexto: Que dias estamos vivendo neste mês de março de 2024.

Autora: Sonia Lucietto Piccinini, BIEV, Universidade Federal do Rio Grande do Sul





PRINCEZA DO SUL

GUASPAR

GUASPAR

Sivua

Chove e chove muito desde o dia 1º de maio. Normalmente, neste dia há muitas atividades e pessoas nas ruas em função do feriado do Dia do Trabalho, porém, este ano, foi tudo diferente. Menos gente nas ruas e pouca, ou nenhuma, manifestação social neste maio chuvoso.

Sim, foi feriado, mas a cidade estava entristecida pela quantidade de chuva que estava caindo, volume muito além do normal, coisa por volta de 80mm em poucas horas. Mas ninguém, ninguém mesmo, imaginaria o que estava por vir e seus efeitos sobre as memórias dos fenômenos meteorológicos da comunidade urbana porto-alegrense.

Em setembro de 2023, o Vale do Taquari já havia sido atingido por cheias e inundações. Cidades como Muçum, Roca Sales, Lajeado, Arroio do Meio e outras cidades menores foram duramente atingidas por chuvas de grandes proporções que transformaram a paisagem da bacia hidrográfica do Rio Taquari e das cidades construídas às suas margens, vitimando muitas pessoas, além de muitas perdas de suas casas, animais e memórias.

Ainda no mês de novembro do mesmo ano, novamente outra enchente de proporção menor atingiu a região, deixando novamente as comunidades ali localizadas, principalmente os bairros situados às margens do Rio Taquari, entregues à própria sorte, perdendo tudo o que já haviam tentado reconstruir.

Agora, no mês de maio de 2024, novamente a enchente chegou ao Vale do Taquari e, desta vez, atingiu fortemente a cidade de Porto Alegre e a sua região metropolitana, uma vez que no Lago Guaíba desaguam os rios Jacuí, Caí, Gravataí e Sinos, além do Taquari, convergindo ameaçadoramente em direção à região norte e nordeste da capital e sua região central.

Na mídia, nos canais de comunicação, rádio, TV e na análise de vários estudiosos do clima e da hidrologia apontaram a falha estrutural na manutenção do sistema de proteção contra cheias construído nos anos 1960-70 em Porto Alegre, com as águas do Guaíba rompendo as barreiras de diques, muros e comportas e invadindo bairros da capital, principalmente aqueles cujos mo-

radores imaginavam-se sob a proteção do dique e do muro da Mauá. O caso dos bairros Centro, Cidade Baixa e Menino Deus.

No Centro Histórico, locais de referência econômica e social sofreram inundações, como o Mercado Público, o Museu de Arte do Rio Grande do Sul, a Usina do Gasômetro e a Casa de Cultura Mario Quintana. Além disso, os bairros periféricos usualmente atingidos por cheias e inundações, como São Geraldo, Navegantes, Humaitá, Sarandi, expandiram-se indistintamente para os antigos aterros da orla sul e orla norte do Lago Guaíba, para as regiões onde se localizam a Arena do Grêmio Futebol Clube e o Estádio Beira-Rio, sede do Sport Clube Internacional. Foi assustador o número de pessoas que foram atingidas por esta enchente. Segundo relata a Defesa Civil do estado, 575 mil pessoas foram desalojadas e 175 morreram, sendo que algumas outras se encontram desaparecidas.

Todo o ano temos inundações na Grande Porto Alegre, principalmente nas ilhas (Ilha dos Marinheiros e Ilha da Pintada, que todo ano, na época das chuvas de inverno, a mídia retrata de alguma maneira o problema, ou do alagamento ou da retirada das pessoas de suas casas indo para abrigos), mas essa enchente de maio de 2024 foi além de todas as expectativas, pois atingiu não só as mencionadas ilhas como toda a Grande Porto Alegre, o Centro Histórico, Cidade Baixa e Menino Deus, e, mais tarde, também a Zona Sul. E o mais agravante foi saber que uma cidade que foi inundada a vida inteira não deveria ser pega de surpresa por uma inundações.

Fiquei me perguntando: e se o muro não suportasse o volume de água que estava entrando na cidade? Se ele rompesse, não havia e não há um plano para saber o que fazer e onde levar as pessoas. O que se viu durante essa tragédia foi o poder público batendo cabeça, correndo feito zumbis para atender a tanta demanda em tempo de crise nas cheias que se verificaram aqui em Porto Alegre. Acredito que não foi diferente em outros lugares onde a enchente chegou, como Canoas, São Leopoldo, Novo Hamburgo, Eldorado do Sul e o próprio Vale do Taquari, que abrange cidades como Lajeado, Estrela, Encantado, Roca Sales, Arroio do Meio, Cruzeiro do Sul, Dois Lajeados e Muçum, só para citar algumas das várias cidades atingidas.



ENCHENTE DE 5-1941 PALEORE
CASA DO AMADOR

Na enchente de 1941, que também foi bem significativa, aprendemos e foram feitas melhorias e um sistema de proteção contra inundações. O que parece é que essa estrutura que foi montada não avançou, e o que foi estudado e implantado a partir do evento da época funcionou, porém, com a manutenção precária, não deu conta de segurar o grande volume de água.

O crescimento das cidades e a ocupação desordenada são também grandes problemas que temos, segundo estudiosos da geografia e da geopolítica brasileira. Para que as pessoas pudessem se estabelecer cada vez mais próximas das margens dos rios e açudes, foram feitos aterros, como os construídos nos bairros Humaitá e Sarandi, entre outros. Outrora eram margens do Rio Gravataí, e a população ocupava o lugar da água; de tempos em tempos, o rio volta a ocupar o seu lugar original.

O que foi fundamental nessa tragédia toda é que a população se sensibilizou, coisa que pensei já termos esquecido, esse bem maior que temos que é a empatia. Muitos cidadãos se prontificaram e fizeram a diferença nos primeiros minutos da tragédia em Porto Alegre e nos seus municípios vizinhos, socorrendo a todos indistintamente para que saíssem de suas casas, ainda que deixando para trás seus pertences e bens... Jetskis e barcos povoaram as ruas e avenidas de nossa cidade, dos bairros nobres aos de menor poder aquisitivo, até a Usina do Gasômetro, considerado o "point" de encontro e lazer da população porto-alegrense. O silêncio só era quebrado pelos motores e pela chuva que caía torrencialmente.

Os abrigos e o voluntariado foram essenciais para o acolhimento de um imenso contingente de pessoas cujas vidas tinham sido atingidas por mais esta tragédia ambiental, agora de proporções absurdas. Muitos dos abrigos não possuíam, no momento, nenhuma infraestrutura; eram espaços organizados às pressas, onde os abrigados, ainda que sem usufruir de privacidade, podiam permanecer em segurança, junto a alguns dos pertences que haviam conseguido levar consigo quando foram resgatados pelos barcos de resgate em suas moradias invadidas pelas águas.

Neste cenário devastador, muitos voluntários se cadastraram para ajudar. Como parte desta comunidade urbana atingida pelo avanço das águas do Lago Guaíba, participei de ações do voluntariado local no Centro de Esportes do Grêmio Náutico União, na sede localizada na Rua Quintino Bocaiuva, número 500, bairro Moinhos de Vento, em Porto Alegre. Além do espaço da quadra de esportes, o abrigo tinha três banheiros com água quente para atender cerca de 280 pessoas, com uma escala de horários ao longo do dia. Nesse local, também foi ofertada recreação orientada para as crianças.

Iniciei, assim, o voluntariado indo até o local e me inscrevendo para ajudar no que fosse preciso. Chegando lá, fui direcionada para o ginásio de esportes, que estava recebendo as doações. Não foi possível tirar fotografias porque era proibido. Mas chegavam muitas coisas: colchões, água, roupas de cama, alimentos, calçados...

Comecei, então, a participar do processo de separação das roupas para os acolhidos no abrigo por tamanho e sexo. Fiquei atuando no processo de separação de roupas entre os tamanhos de 12 a 14 anos. Após a separação por tamanho, essas roupas eram levadas às arquibancadas, que também tinham essa mesma organização de tamanho e sexo.

Este foi meu primeiro dia de trabalho. Fiquei comovida de ver tanta gente reunida no abrigo... havia muitas pessoas, crianças, idosos, jovens e adultos. E o local estava "recheado de colchões" e o espaço de cada um era o espaço do colchão. Havia um pequeno corredor para as pessoas passarem, e só. No início, fiquei um pouco impactada e não sabia o que fazer. Fui informada que, ao meio-dia e trinta minutos, seriam servidas marmitas aos abrigados, que viriam em fila até nós e receberiam a marmita ofertada pela UNISINOS, junto com talheres de plástico. Na sequência, em outro lugar um pouco mais à frente, seriam distribuídos sucos em copos também de plástico.

Sem saber como agir, aos poucos, um a um se aproximavam e, na socialização diante da tragédia, iam pegando de nossas mãos o alimento. Neste percurso, crianças junto com seus pais e idosos eram amparados por outras pessoas, e os cadeirantes também eram auxiliados para se dirigirem ao "seu lugar" no espaço do abrigo, ao seu colchão, sendo avisados de que precisariam cuidar de seus "talheres" porque não havia para reposição no dia seguinte.

Aos poucos, fui me aproximando das famílias que eram acolhidas no abrigo e conversando com elas sobre os dilemas da solidão, da insegurança e da tristeza que estavam vivendo. Todas se sentiam muito agradecidas pela ajuda de toda a comunidade local, pois, sendo habitantes de áreas de risco, na maioria das vezes em que viveram as situações de cheias e enchentes, nunca haviam sido amparadas, seja pelo poder público, seja por outros moradores das regiões não atingidas pela catástrofe. Sentindo-me humanamente útil, o que eu podia fazer nesse momento de reflexão deles era escutá-los e acolher seus dramas na busca de um apoio moral.

Passado o momento crítico, hoje, olho a cidade e os bairros atingidos, como Rubens Berta, Sarandi e Humaitá, de grande população de atingidos e de onde eram a grande maioria das pessoas que estavam no abrigo mencionado. As notícias ainda seguem dando conta de que o lixo permanece nas ruas depois de quase dois meses da maior enchente que assolou o Rio Grande do Sul. E novamente, nas ruas dos bairros mais pobres, situados em áreas baixas e cujos efeitos da enchente foram mais devastadores, a presença da água depositada permanece, como o caso de uma estação do metrô na área central de Porto Alegre, que ainda se encontra desativada, impedindo o ir e vir dos cidadãos, sem que tenha sido objeto dos serviços públicos de drenagem urbana.

Neste cenário, são os próprios moradores locais, mais uma vez, que se mobilizam para, na ausência dos poderes públicos, recuperarem o que resta de seus territórios de vida.













8 f.o. 3A B.Aé. • PORTO ALEGRE (CENTRO) • FB.F.24 • 400^M • 13^H • 10-5-41

